

AFFONSO GAYO

ABEL E CAIM

PEÇA ORIGINAL EM 3 ACTOS

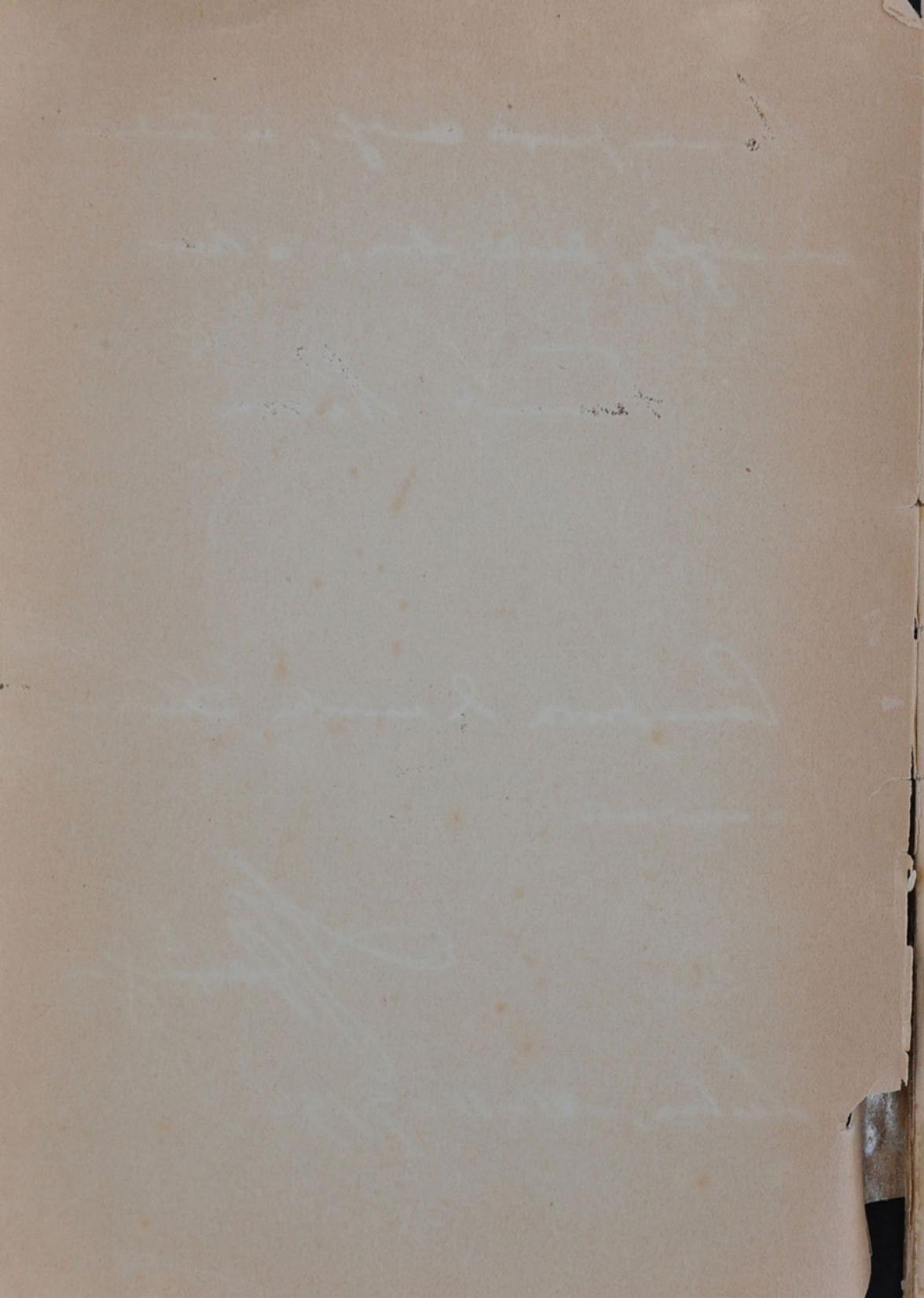
(COM UM PREFÁCIO DO AUTOR)



EDITORES

J. RODRIGUES & C.^ª
186, Rua Aurea, 188 — Lisboa

—
1917



A meu querido amigo, no tradutor,
para inglês, desta obra, o Sr.

Fernando Pessoa

ABEL E CAIM

Com prova de minha admiração
e amizade

Agostinho

Lebra, - 11-11-919

OBRAS DE AFFONSO GAYO

LITERÁRIAS

<i>Corôa de espinhos</i>	— 1896 — (sonetos)
<i>Lobinho Philológico,</i>	— 1897 — (sátira)
<i>Nós</i>	1900 — (liricas)
<i>Heroes modernos</i>	1901 — (alegoria social)
<i>Malavindos</i>	1909 — (contos)
<i>Os novos</i>	1913 — (romance)

TEATRAIS

<i>O desconhecido</i>	peça em 3 actos, 1902 (iné.)
<i>O interesse</i>	» » 1 » 1903 »
<i>Quinto mandamento,</i>	» » 4 » 1905 (pub.)
<i>Máxima</i>	» » 4 » 1906 (iné.)
<i>A máscara</i>	» » 4 » 1908 »
<i>O perdão</i>	» » 1 » 1913 (pub.)
<i>O marido enganado</i>	» » 4 » 1910 »
<i>O condenado</i>	» » 5 » 1910 (pub.)
<i>Abel e Caim</i>	» » 3 » 1913 »
<i>Causa eterna</i>	» » 3 » 1917 (iné.)

AFFONSO GAYO

ABEL E CAIM

PEÇA ORIGINAL EM 3 ACTOS

(COM UM PREFÁCIO DO AUTOR)



EDITORES

J. RODRIGUES & C.^a

186, Rua Aurea, 188 — Lisboa

—
1917

ABEL F. CANN

A

BENTO MÂNTUA

REV. TO MARY

PREFÁCIO

A literatura dramática nacional, considerada nalguns dos seus aspectos, deixa antever certos indícios de um resurgimento que não tardará, por certo, em corporizar-se, tão depressa o meio seja mais propício. A decadência, acentuada neste último período, não pode contrariar a expansão dos múltiplos problemas que já começaram a convulsionar a sociedade portugueza.

E' natural que, para os exprimir, a forma esteja, por enquanto, latente no espirito das novas gerações influenciadas por diversas correntes literárias e filosóficas. Presentem-se, contudo, — se bem que de um modo vago e impreciso, vários tentames de abordagem aos conflitos sociais da mais alta transcendência.

De Garrett para cá, não se apresentou, talvez, uma geração melhor aparelhada para realizar, pelo menos, uma obra de carácter nacional com fisionomia própria, de aspirações volitivas e conscientes.

A evolução no ponto de vista ideológico procura harmonizar-se com os modernos processos de teatro.

Seria curioso apontar a curva que descrevem esses tentames, ainda sem uma orientação perfeita, mas já dignos de registo, se não fôsem outros os intuitos destas palavras de introito a uma obra que o autor julga expurgada de sugestões de escolas, na qual se pretendeu e tentou

conciliar as *ideias emotivas* com a forma teatral, de sorte que a simplicidade da dinâmica não excluísse o sentimento das proporções, nem o problema, pela redundância didáctica ou filosófica, lhe estorvasse a percepção.

O embate das paixões na vida contemporânea não tem exclusivamente um escôpo idealista, como pretenderam insinuar os ultra-românticos, cujos processos literários desapareceram sem deixar indícios de grande belesa humana ou de utilidade social. Ao passo que os interêsses, por que se afirmam as nacionalidades e se debatem e entrechocam as classes e os individuos, subsistem e perduram, havendo necessidade de lhes dar maior expressão de generalidade ou de humanismo.

Eis os pontos em que se quiz fixar o *Abel e Caim*, cuja estrutura mecânica foi reduzida, afim de se poder envasar num drama directo e comum à maior parte da gente.

Mas, antes de mais nada, conviria observar as condições do meio e da época em que êle vem a lume.

*

* * *

O naturalismo no aneio de projectar na ribalta, com mais ou menos sinceridade e justeza, os conflitos da vida hodierna, banalizou, por isso mesmo, os temas, roubando-lhes quase sempre, a perspectiva indispensável e, assim, as figuras ficaram, como os monumentos que não podem ser olhados a distância.

Talvez que se tenha que voltar, de novo, mas por outro processo mais equilibrado, à criação dos super-homens de Nietzsche, dentro de uma atmosfera de neo-romantismo. As multidões não compreendem nem aceitam facilmente heróis de fraque e de chapéu de côco.

A análise feita ao teatro contemporâneo, nomeadamente o francês, dá-nos essa impressão. Na maioria dos

casos, as peças modernas francêsas, posto que servidas por uma linguagem brilhante, não acusam o menor sôpro de originalidade, nem de independência, nem de grandeza.

Sem nenhuma espécie de misoneismo, essa literatura dramática é uma babilônia do sensualismo. Guizada de todas as maneiras, mas sempre com o mesmo tempêro pornográfico, revela uma psicologia miuda, à flôr da pele. É frívola, banal, monocórdica. Se reproduz, graças à maleabilidade da lingua, a anedota amorosa do meio decadente e scéptico, em que as figuras, sempre iguais, se agitam, não tem a condicionalidade da adaptação. Logo que elas se transportam para outros países cheiram a bafio, como bonecos de privilégio fonético saídos de Paris em caixas com friso de oiro, muito bem acondicionados. Não resistem, de pé, ao menor estremeção da critica e fazem sorrir de tristêza, quando se empertigam em assomos melodramáticos.

Entretanto, essa galeria de figuras de pim-pam-pum grangeou uma certa ascendência na literatura de outros povos que não lhe souberam opôr um cordão sanitário, ou seja — um critério novo de nacionalismo.

Outra influêcia, não menos nefasta nem menos dissolvente, é o aspecto desta indústria que impõe os seus vícios como virtudes e, por ser de fácil imitação e decalque, representa uma ameaça continua para todos os meios que, sem carácter defenido e sem estabilidade psicológica, estão à mercê das inovações por mais estranhas e abstrusas, que pareçam, dèsde que tragam o rótulo da novidade.

*

* *

O fenómeno da imitatividade operou sempre maravilhas nos meios incultos. O triunfo está assegurado aos habilitados que imitam e copiam, sem escrúpulo, o que tem fama de bom, embora seja mau.

Entre nós, os romances francêses não servem de paradigma, porque não ha leitores. Os poucos, que existem, lêem esses romances na lingua original; mas, no tocante às peças fornecidas às plateias burguêsas e semi-analfabetas, o estilo tem a nevrose pífia dos romances de folhetim.

O povo êsse desvanece-se com a desbragada *revista* que, muitas vêses, vai pilhar à terra da quinquelharia, — como Cesário Verde chamou a Paris, — todos os números de fácil envazamento em quadros de fantasia com quê se do-seiam agora algumas dessas drogas teatraes. Á falta de espirito e graça, certos revisteiros industriosos só encontram maneira de espevitar o cio dos plateias, adubando os diálogos com chufas das predileções dos cocheiros e das cantoneiras dos *bas fonds* da Mouraria.

Fazendo-se gala desta miséria em prostibulos a que, por eufemismo, se continua a chamar teátros, surgem, a cada esquina, proxenetas com o nome de empregários que especulam com récuas de coristas, algumas das quais passam, de improviso, a ser actrizes.

Antigamente, essa vasa de esterquilínio escoava-se para o Brasil, mas agora, verificando-se que o negócio pingue tem a conivencia inconsciente dos bacharelloides, que a República alçapremou a dirigentes da estética nacional, já se pratica, a cada canto, sem haver um governador civil que, sem violências, acabe com essa literatura, — quando ela pende para bordel, — fazendo cumprir a lei sôbre publicações pornográficas ou de linguagem despejada. (sic)

Contudo, para isso, era necessário admitir (o que não é fácil) por um grande esforço mental que certos políticos, que appareceram na cauda confusa da revolução, compreendiam um sorriso d'Arte ou de Belesa.

Razão tinha Rabelais ao afirmar «*le rire c'est le propre de l'homme*,» — porque, em verdade, deve haver alimárias que só podem sorrir perante os pinchos coreográficos dos actores que não dignifiquem a espécie a que pertencem.

*
* *
*

Numa época de negação a tudo quanto estava estabelecido em certas bases mais ou menos fixas, não espanta que a ância do lucro sobrepuje a luta pelas ideias de certa transcendência.

Essa luta, que é o desespero das classes conservadoras, nunca interessou profundamente a Arte. Mas, como era natural, o industrialismo dos burgueses apossou-se do teatro, explorando-o em todos os sentidos, menos no da Belesa, quando êles viram que se prestava a armar balcão com pantomimas à porta.

Dadas, portanto, as tendências industriais, era de temer que o nosso primeiro teatro de declamação viesse a cair em poder de um *brasseur d'affaires*, visto como se vai adiando, *sine die*, uma reforma sensata e prática, protegendo-a, de quando em quando, com portarias surdas que a Sociedade Artística consegue para os seus fins que muitas vezes prejudicam os interesses dos autores.

O critério de que o Teatro Nacional é logradouro exclusivo dos societários só em Portugal se concebe.

Emquanto não se fizer essa reforma, os escritores dramáticos estão condenados a toda a espécie de contendas por cada peça que desejam ver representada.

O ambiente é, com efeito, bastante turvo para iluminar uma obra d'arte que tenha equilibrio, independência e altivez. O que se atende ali, contra o espirito da lei orgânica, é a questão material e, para a obter, todos os processos se adotam e praticam.

Conquanto o decreto de 1898 faculte a toda a gente o direito de representar uma obra dramática no Teatro Nacional, o ingresso não é coisa fácil, nem serve para temperamentos cândidos e poucos afoitos. Não basta ter coragem, são precisos, também, predicados de heroicidade.

Uma das principais causas é o predomínio da tradução

Está provado que o tirocinio das peças francesas entre várias calamidades, trouxe a sufocação dos poucos elementos tradicionais do teatro português; encheu o actor de vícios, de falsas noções psicológicas e, fazendo-o, pensar e sentir à francesa, acabou por divorciá-lo do gosto, da forma nacional, uma vez que não o obriga, a cada passo, à análise dos tipos e das coisas do seu país. O ritmo da língua, por vezes, tão sugestivo e voronil, perdeu-se afogado numa dicção contrária à nossa índole, a tal ponto que em tempos alguém disse que havia dois dialectos em Portugal: — o mirandês e o do teatro de D. Maria!

São intermináveis os inconvenientes por se adoptar naquêlê teatro o regime da tradução. Quem fizesse uma estatística das peças representadas, nêstes últimos vinte anos, no Teatro Nacional, chegava à conclusão de que os originaes produziram maior receita. Assim, quando não se extrahissem outras considerações de ordem artística, bastaria a eloquência dos números para provar a hegemonia da produção nacional que, mesmo sem essa vantagem enorme, é mister defender e assegurar.

Infelizmente, pouco lucraram com êsses beneficios da lei de 1898 os autores portuguezes. O decreto presta-se a todas as subtilezas de interpretação; o alfôbre de intrigas inutiliza o esforço dos mais obstinados, assim como tem sido transparente a cumplicidade moral d'alguns comissários do govêrno que vão para ali defender interêsses pessoais e não os da classe a que pertencem.

E' que fazendo-se consistir a função daquêlê teatro no êxito das bilheteiras, prejudicou-se *ipso facto*, o espirito da lei, deixando-se de se acauletar os interêsses da litteratura dramática nacional. Representando-se ali os *sucessos* de antemão tamboreados na Europa, quase não fica lugar para o original que, se é posto em scena *pour droit de conquête*, — quando não pode deixar de ser, faz-se tudo isso de má vontade, perdendo o autor anos de vida e ganhando lesões cardíacas.

Ora, para obviar a muitos dêstes precalços, há só um meio prático e eficaz: — impedir que no Teatro Nacional subsista o regime da tradução; garantir-lhe o govêrno um subsídio anual que não deve ir além de dez mil escudos; e, finalmente, depois de uma reforma profunda e radical em que se consignem *as peças de grande valor mundial que ali devem ser exhibidas*, — e só essas — nomear um comissário capaz de exercer o seu cargo com bastante independência.

Não se comprehendem num teatro do Estado as traduções. Para *tirar partido delas* bastam os outros palcos, onde a tradução serve, como prato de lentilhas, aos que se colocam incondicionalmente ao lado das empresas, opondo todas as resistências ao original, afim de que não triunfe o autor portuguez que é um inimigo de ambas as partes.

Por todas estas razões se infere que é uma insânia ver o Teatro Nacional num regime de repertório híbrido, acrescento que, uma vez expurgada, dali, a tradução, acabariam os *can-cans* que resultam das distribuições, fonte perene de todas ou quase todas as discórdias.

A intervenção do autor é não só indispensável, mas até mesmo salutar e morigeradora, porque êle não põe de parte os elementos de maior realce, prejudicando a homogeneidade das suas peças.

*

* *

Não cabe no âmbito dêste prefácio descrever a vida amargurada de um escritor de teatro, mas, em todo o caso, pode sintetizar-se em meia dúzia de palavras, a situação verdadeiramente cruel dos que se aventuram a trabalhar, sob todas as contrariedades, numa carreira tão brilhante como eriçada de espinhos.

Em regra, o autor é constrangido a gizar a sua obra em moldes antigos (ai, do que se revolta contra a rotina e pretende inovar) encarapuçando as personagens fundamentais, pelo menos, nas figuras predominantes dos elen-

cos das companhias. Depois tem que restringir, desde logo, a fantasia e a originalidade, amesquinhar as rubricas, — que é uma das condições de mais fácil aceitação, visto como o original tem de ser pobre de cenário, para que não o substituam por uma tradução.

Entretanto para as peças, que entremeiam nos diálogos, inçados de pornografia, toda a espécie de cambalhotas e de piruetas, não falta a simpatia e o dinheiro de empregários, mais ou menos improvisados, por custear luxuosas montagens. E á medida que para as obras de elevação moral ou artistica vão escasseando intérpretes, para estas palhaçadas nunca faltam *artistas* que, por não se desmentirem as teorias de Darwin, accusam tiques de ancestridade simiesca.

Assim é que dentro de meia dúzia de anos, quando tenham desaparecido alguns actores de mérito insofismável e permaneça o sistema de desassociação dos núcleos teatraes, não haverá, certamente, um elenco de companhia a que se possa confiar uma peça de certa envergadura.

A bebedeira sistemática da tradução leva o actor indígena a vestir-se como um *rastaquouère* na suposição lirica de que serviu de modelo a peralvilhos. E, concomitantemente, trouxe a encenações com mobiliário esquisito que pouco ou nada tem de artistico, — salões atravancados de coisas sem nexos nem ordem, entre as quais a camparsaria não sobe deambular por falta, é claro, de preparação. Compeliu as primeiras figuras a trajar luxuosamente, — o que lhes acarreta sacrificios extremos, afim de se apresentarem com elegância, propriedade e em harmonia com os meios em que se desenrola a acção das peças. Por estes e outros motivos, poderia, talvez, depreender-se que os originas viriam a ter maior procura e aceitação. Mas tal não succede, nem mesmo pela circunstância de se haver aderido á Convenção de Berne, por cuja resolução os empregários são constrangidos a pagar por alto preço as traduções. Pelo contrário, (e parece até um absurdo) tornaram-

se, de então para cá, mais precárias as condições da obra nacional.

Não obstante as declarações embusteiras das empresas, no começo de cada época, ao anunciarem os seus repertórios, — de que estão resolvidos a *proteger* a literatura dramática nacional, continuam a comprar as peças estrangeiras, por dois ou tres mil francos *só pelo direito da tradução*, quando os originaes, no caso de cobrarem importância equivalente em direitos de autor, já lhes teriam metido, pela certa, nas bilheteiras mais de uma dezena de contos.

Fôrça é concluir, portanto, que o autor portuguez é um juguete nas mãos das empresas que são, afinal de contas, os verdadeiros óbices que a nossa literatura dramática encontra no seu caminho. Assim difficilmente ella poderá desenvolver-se e progredir.

Em Portugal, como decerto em nenhum outro meio; dão-se na vida do teatro absurdos difíceis de explicar. Uma peça má prefere uma obra boa.

Quando um ou outro original vence as resistências, que lhe opõem todos os intermediários, é verdadeiramente um caso esporádico a que não devem ser estranhos factores da sorte.

Vivendo as empresas exclusivamente de traduções, só deixam passar uma obra portugueza pela fôrça das circunstâncias ou quando é preciso deitar poeira nos olhos de muita gente mais cega do que a que não tem olhos. O vulgar, o normal é a peça exhibida não corresponder a um *direito*, mas a um *favor*.

Que importa que este e aquêl original contemplado por essa *condescendência*, seja mau ou mediocre? As traduções lá estão para ressarcir a empresa dos prejuizos que ella tinha soffrido com a fineza prestada a um apregoado politico, a um jornalista que meta medo, em summa, a qualquer insignificante, envolto de recommendações de alta pressão.

E, como as traduções são cometidas a individuos (salvo raras excepções) sem capacidade nem categoria, é natural que os empregários sugeriam como lhes devem ser retribuidos os favores.

Ora tudo isto se consente com uma completa ausência de decôro a que nos habituaram anos de gerências esta-pafúrdias e audaciosas de negociantes que vieram dar as últimas machadadas no teatro de declamação.

Não ha, desgraçadamente, para onde apelar, nem sequer para um público numeroso e ilustrado que expulsa os vendilhões do templo. Há mais de vinte anos dava o grito de alarme um sinhédrio de boémios que punham o seu *veto* aos originaes *protegidos* e sem valor, mas com pretensões a romper a muralha do triunfo.

Hoje não existem sequer vestígios dêsse pequeno grupo de artistas, alguns dos quais estão hoje consagrados, que estorvava a gloriola, embora efémera, das peças sem talento.

Presentemente, êsse *contrôle* devia, mormente, exercer-se nas traduções com o fim de conter, nos limites mais apertados, a ância do lucro que, como nunca, deu agora na mania das empresas, com manifesto desprezo por tudo quanto até aqui se podia traduzir numa característica de bom gosto na arte de representar.

Pela análise rápida do meio e das condições, em que se aventura uma obra dramática, se infere que a atmosfera é abortiva. O esforço isolado não encontra éco em ninguém, de sorte que é necessário ingressar nos pequenos núcleos de elogio mútuo, sobejamente conhecidos, para alcançar umas migalhas de glória, desta glória que há em Portugal, doirada para encobrir misérias.

O orgulho de ter produzido uma obra diversa do tom

geral não pode satisfazer nenhum artista, porque, não havendo espirito de crítica, tanto se elogia o mediocre, como o que possui valor absoluto.

Nenhuma espécie de estímulo, circunda a produção de qualquer obra e de nada serve ao autor lutar pelo êxito que nunca é proporcional ao mérito.

Todo o edificio, antes de erguido, subentende uma primeira pedra. Quem confiar em si, faça rolar o seu pedregulho. Deixará o sinal marcado, muito embora os habilitados se encarrapitem depois em cima d'ele, aproveitando-se do esforço de quem lá o poz.

Não é propicia a época para dar ao público o *Abel e Caim*. Entre muitas qualidades que lhe falem, não é menos sensível a da oportunidade que para o prestigio de qualquer obra não é indifferente. Se a parte dramática é directa e palpável, — porque está na linha média da comprehensão, o *abstractum* ideológico, a porção de beleza humana ou simbólica não irá (receamos bem isso) interessar profundamente as platéias educadas noutras maneiras de sentir.

Estando a maioria muito próxima do teatro da emoção romântica, influenciada pela intriga das peças meramente anedóticas, amorosas e frívolas, não pode aceitar, nem comprehender, sem esforço, alguma coisa conceituosa, de psicologia mais funda, de interêsses fundamentais, em suma, daquêles pedaços de idealismo ou de subjectividade que todo o artista tem dentro de si, à maneira de Ibsen, Maeterlinck, d'Annunzio, Hauptmann, etc.

Por isso, não nos surpreenderá que o *Abel e Caim* encontre uma atmosfera, não direi de hostilidade, mas de expectativa.

Se a *tese fôsse nova*, embora com forma romântica, ninguém a estranharia; mas o assunto é *velho*, residindo na forma todos os arrôjos. Como, porém, nêle palpita, por entre a extrema simplicidade, um aneio de generalização, é possível que êsse processo, tendo a necessária vibração

dramática, possa ser percebido, pelo menos, nalguns dos seus aspectos.

Em França, na Itália e na Alemanha o caminho está, para assim dizer, desbravado. Os tentames mais arrojados encontram, sempre, a simpatia das *elites*. Mas, apesar disso, os que seguem, por exemplo, *le chemin de Dumas*, teem o triunfo assegurado sem hesitações. Compreende-se; não precisam de atrair as atenções do público, já preparado para elas; basta que lhe desvançam as predileções e os enlêvos, seguindo, numa palavra: o fluxo e o refluxo das correntes sentimentais.

Não quiere isto dizer que no *Abel e Caim* (onde já se accentuou não existirem coisas novas nem grandes) haja necessidade de explicar os sentimentos que agitam as figuras ou qualquer ponto que ficasse obscuro. Desgraçada da obra dramática que precisa de uma explicação, além da que, uma vez ou outra, *excepcionalmente*, lhe dão os actores.

O que o autor pretendeu demonstrar é a sua *intenção* numa obra que, podendo ter-se rodeado de episódios brilhantes, pitorescos e decorativos, se restringiu, apenas, aos elementos de emoção directa e fundamental para deixar no espirito de quem a *sinta* alguma coisa mais que se *dedusa* da sua estrutura geral.

Após cinco anos de escrita, a critica, podendo achar-lhe defeitos, não deixará, por certo, de admitir a presunção de que o autor se encontra noutros pontos de vista, integrado, e movido pela corrente de ideias por que se bate heroicamente uma grande parte da humanidade, as quais hão de trazer uma nova moral ou novos elementos de construção das sociedades futuras.

Dezembro de 1917.

AFFONSO GAYO.

Personagens

JÓÃO D'ALEMQUER, — INDUSTRIAL
PEDRO BATALHA, — CONTRA-MESTRE DE OFICINA
GONÇALO BATALHA, — MESTRE
FERNANDO D'ALEMQUER, — FILHO DE JOÃO
JOSÉ, — APRENDIZ
JOAQUIM PORTELA }
MANOEL MARCOS } OPERÁRIOS
ADRIANA BATALHA, — FILHA DE PEDRO
BERTA D'ALEMQUER, — SOBRINHA DE JOÃO
JESUINA D'ALEMQUER, — IRMÃ DE JOÃO
TOMÁZIA, — OPERÁRIA
UM AGENTE DE POLÍCIA
» » » »

(A acção passa-se em Lisboa, — actualidade)

PRIMEIRO ACTO

Casa de comunicação num escritório de fábrica. O F. é envidraçado com duas largas janelas, as quais, estando corridas, deixam ver um pátio e parte da fábrica. A' E. uma porta e à D. outra. Na E. e quase a todo o comprimento, uma mesa esguia, em cima da qual estão: uma balança, livros de amostras, maços ou peças de seda, e, debaixo, no estrado, sacos de linhagem, pequenos fardos, etc. Em volta da mesa algumas cadeiras e môchos de pinho, altos. A' D. um grande armário com muitas prateleiras, cheias de diversas peças de seda, caixas de papelão, umas em cima das outras, que chegam até o tétto, de onde partem fios electricos em todas as direcções. Junto do armário um escadote e, na parede, um relójo marcando as doze horas. E' dia.

SCENA I

ADRIANA, JOSÉ, depois GONÇALO

(Estendendo uma toalha na extremidade superior da mesa da E., põe os pratos) Enquanto eu ponho a mesa, podes ir chamá-los, percebes?

JOSÉ

Talvez eles nos tivessem visto ao atravessar o pátio.

ADRIANA

Não é natural... Não sei. Anda, vai depressa. *(José indo um pouco à D.)* Olha: — escuzas de lhes dizer que eu vim contigo. *(José, por se ter voltado, esbarra com Gonçalo)*

GONÇALO

(*Esbarrando com José*) Eh! rapaz! Vens cego! Toma cuidado. (*A Adriana*) E' isto que tu vês! Não faço senão esbarrar. (*A José*) O meu pai que venha almoçar... que está cá...

ADRIANA

(*Atalhando*) Não, não lhe digas nada! E' para êle ter uma surpresa.

GONÇALO

(*Encolhendo os ombros*) Está bem... visto que assim o queres... (*José sai*)

SCENA II

ADRIANA e GONÇALO

ADRIANA

Não me esperavas?

GONÇALO

Não. Que bom vento te trouxe? Só tenho que me felicitar!

ADRIANA

(*Vivamente*) Bravo! Estás cada vez mais amavel e delicado! (*Com intenção*) Ia jurar que isso deve ter uma razão!...

GONÇALO

Qual?

ADRIANA

(*Sorrindo*) Como tu és curioso... Deixemos isso para outra vez, porque tenho alguma pressa. E' uma simples visita que faço.

GONÇALO

(*Sorrindo*) As pessoas ricas e de bom tom fazem visitas para ter onde empregar o tempo, não é assim?

ADRIANA

Nem todos fazem as mesmas coisas.

GONÇALO

(*Mirando Adriana de alto a baixo*) Mas ainda agora reparo! Que elegância!

ADRIANA

Não gostas de ver assim a tua irmãzinha?

GONÇALO

Se gosto!... mas nem que viesses em procura de um noivo!

ADRIANA

O caso não é para tamanhos espantos. Este vestido é igual a um de Berta. O padrinho comprou dois cortes: — um para ela, outro para mim. Já a viste?

GONÇALO

Vejo-a tão poucas vezes!

ADRIANA

De que modo me dizes isso!

GONÇALO

(*Vivamente*) Eu!?

ADRIANA

(*Com intenção*) Se não a vês mais vezes, é porque não

queres!... (*Transição*) O pai demora-se e a comida arrefece. O pequeno sabe onde êle está?

GONÇALO

Sabe. Ele já vem. (*Transição*) Mas que ideia foi essa de vires hoje à fábrica?

ADRIANA

Uma ideia como outra qualquer!

GONÇALO

Cuidei que fosse por causa da visita da familia do patrão. O filho deve aparecer, por aí, com as senhoras, para verem as oficinas.

ADRIANA

Sim, a Berta mandou-me recado para que eu não faltasse. Aproveitei, por isso, a ocasião e vim mais cedo...

GONÇALO

E' para te agradecer a lembrança!

ADRIANA

(*Vivamente*) Logo has de reparar em Berta. Verás que lindos brincos o Fernando lhe trouxe de Paris! Se eu tivesse uns iguais!... (*Suspira*) Depois quero que me digas qual de nós ambas teve mais gosto no vestido. A fazenda é a mesma; mas eu dei indicações à modista para mo fazer com êste talhe diferente. Se ela vier com vestido igual, tenho a certeza de que gostarás mais do meu.

GONÇALO

Eu não entendo de modas!...

ADRIANA

Ora, para ver se uma mulher é elegante, não é pre-

ciso muita competência. (*Transição*) Ha pouco notaste que eu vinha muito *chic*. Já vês que tens bom gosto, o que não admira; — és inteligente!

GONÇALO

(*Sorrindo*) Sou teu irmão!...

ADRIANA

(*Sorrindo*) Estás galanteador!... Mas, a êste respeito, tenho mais gente do mesmo parecer... a Berta, por exemplo!...

GONÇALO

Ah!

ADRIANA

(*Com intenção*) Ela é muito simples, não achas? Resente-se da educação da aldeia, onde tem sempre vivido. E' simples até de mais!

GONÇALO

Antes assim que soberba ou pretenciosa.

ADRIANA

(*Intencional*) E' muito nossa amiga...

GONÇALO

Tua, é natural!... Agora *nossa*...

ADRIANA

E' que eu e ela falâmos, muitas vêzes, de ti. Tens ali uma grande admiradora!

GONÇALO

Não vejo motivos para lhe causar admiração!

ADRIANA

Gosta muito de te ouvir falar e diz que, se tivesses seguido os estudos...

GONÇALO

Mas quando foi que ela me ouviu?

ADRIANA

(*Atalhando*) Não te lembras? Na festa da inauguração das novas oficinas!

GONÇALO

E só por isso... ela?!...

ADRIANA

Também acha que és um pouquinho exaltado, mas...

GONÇALO

A Berta não me conhece!

ADRIANA

Mais do que supões! Eu até estou cá desconfiada... adiante... (*Hesita*)

GONÇALO

(*Vivamente*) Dize, dize lá o resto!...

ADRIANA

Por ora, não... me convêm! Só te digo que ela é de parecer que o teu génio se modificaria com o casamento, — por que devias assentar... E, agora... (*Detêm-se ao ver entrar Pedro pela D.*)

SCENA III

As mesmas e PEDRO

PEDRO

(*Entrando, a Adriana*) Não sabia que estavas aqui!
(*Beija Adriana*)

ADRIANA

Uma surpresa, meu pai.

PEDRO

Muito agradável, não haja dúvida!

ADRIANA

(*Mexendo no cabaz*) Demorou-se tanto que, naturalmente, a comida está fria!

PEDRO

Tanto monta.

ADRIANA

(*Vivamente*) Vá, vá eu quero já servi-los... Vamos, para os seus lugares.

PEDRO

Não fica bem a dois operários que uma princezinha os sirva à mesa!

ADRIANA

(*Sorrindo*) Mas qual deles o melhor: — um irmão muito inteligente e um pai muito estremoso!

GONÇALO

E podias mesmo acrescentar: — envaidecido!

PEDRO

Eu chego, às vèzes, a olhar para ela com receio. Não parece a filha de um contra-mestre, mas sim de um capitalista.

GONÇALO

(*Sorrindo*) Adriana lá tem as suas razões...

ADRIANA

Não sou culpada de me terem educado assim!

GONÇALO

Agora já não podias habituar-te ao trabalho...

ADRIANA

O pai diz que não é preciso!...

PEDRO

Já se deixa ver que não.

GONÇALO

(*Indicando as mãos de Adriana, que acaricia*) Com a ajuda destas mãozinhas não se comprava o teu vestido nem o teu chapéu.

ADRIANA

Decerto, a ganhar doze vintens por dia!

GONÇALO

Temos por cá operárias que ganham menos...

ADRIANA

Como se pode viver assim! Se isso é vida!...

PEDRO

Vive-se de toda a maneira. . .

GONÇALO

Para uns vestirem sedas, andam outros com farrapos! . . .

PEDRO

Sempre assim foi e ha de ser! . . .

GONÇALO

Disso tenho eu as minhas dúvidas, meu pai!

PEDRO

Elas te desaparecerão com a idade!

ADRIANA

Eu também digo : — cada um para o que nasceu!

GONÇALO

Ninguém nasce para isto ou para aquilo, — porque todos são iguais... mas tu, a tal respeito, não me entendes, minha querida! . . .

ADRIANA

Nem quero, Deus me livre!

PEDRO

Sim, é melhor!

GONÇALO

E' verdade : — que diz a Berta do primo Fernando vir dirigir a fábrica?

ADRIANA

Não sei. Nunca, entre nós, se tratou dêsse assunto.

PEDRO

Eu chego, às vèzes, a olhar para ela com receio. Não parece a filha de um contra-mestre, mas sim de um capitalista.

GONÇALO

(Sorrindo) Adriana lá tem as suas razões...

ADRIANA

Não sou culpada de me terem educado assim!

GONÇALO

Agora já não podias habituar-te ao trabalho...

ADRIANA

O pai diz que não é preciso!...

PEDRO

Já se deixa ver que não.

GONÇALO

(Indicando as mãos de Adriana, que acaricia) Com a ajuda destas mãozinhas não se comprava o teu vestido nem o teu chapéu.

ADRIANA

Decerto, a ganhar doze vintens por dia!

GONÇALO

Temos por cá operárias que ganham menos...

ADRIANA

Como se pode viver assim! Se isso é vida!...

cia para te aconselhar que não te metas em dan-

GONÇALO

(Vivamente) Que diz? A submissão sem um protesto, uma revolta? Os que tem capilé nas veias é que dão conselhos. (Transição) E, d'ái, vocemecê tem razão: te do nosso sangue perde-se em suor!...

PEDRO

...a-te d'isso! O dinheiro ha de sempre mandar. E, não falias dêsse modo, se fosses filho... do pa-

GONÇALO

Eu defender essa casta!

PEDRO

! Eu acredito lá na sinceridade da tua raiva? dinheiro, fazias outro tanto, se não pior!

GONÇALO

...ocemecê duvida de que eu...

PEDRO

...porque não? O que tu sentes não é revolta é inveja e despeito de não poderes fazer o olhar para ti, para logo se perceber que não esar de... (Delém-se).

GONÇALO

Apesar de quê?

PEDRO

Não é nada, não é nada!... A coisa é

PEDRO

Mas é o filho do patrão. Os erros, que fizer, são por conta d'ele.

GONÇALO

Até agora todas as dificuldades foram resolvidas por mim; apesar de não ter esse tal curso industrial da Bélgica!...

PEDRO

Bem sei. Eu sou o primeiro a gabar-te a aplicação. Tens razão para te orgulhares. Enquanto os teus companheiros passavam as noites na taberna, tu ias para o Instituto estudar e aprender essas coisas dos livros. Mas, ainda assim, não te deves esquecer do teu papel. Lembra-te de que não passas de um simples operário!

GONÇALO

(*Vivamente*) Mas, aqui dentro, todos me respeitam e, mais do que isso, — obedecem! E' só eu dizer uma palavra!

PEDRO

Mas qual é o resultado?

GONÇALO

Quanto mais não seja, serve para impôr condições!...

PEDRO

Para quê? Deixa lá! Manda quem pôde...

GONÇALO

E obedece quem deve? (*Transição*) O que eu lhe digo é que isto tem de levar uma volta!

PEDRO

Se não tenho estudos, como tu, sobeja-me a expe-

riência para te aconselhar que não te metas em danças...

GONÇALO

(*Vivamente*) Que diz? A submissão sem um protesto, sem uma revolta? Os que tem capilé nas veias é que dão tais conselhos. (*Transição*) E, d'aí, vocemecê tem razão: — parte do nosso sangue perde-se em suor!...

PEDRO

Deixa-te d'isso! O dinheiro ha de sempre mandar. E, depois, não falarias dêsse modo, se fosses filho... do patrão!

GONÇALO

Quê? Eu defender essa casta!

PEDRO

Tu, sim! Eu acredito lá na sinceridade da tua raiva? Se tivesses dinheiro, fazias outro tanto, se não pior!

GONÇALO

Então, vocemecê duvida de que eu...

PEDRO

Duvido, — porque não? O que tu sentes não é revolta de vencido, é inveja e despeito de não poderes fazer o mesmo. Basta olhar para ti, para logo se perceber que não és do povo, apesar de... (*Detêm-se*).

GONÇALO

(*Atalhando*) Apesar de quê?

PEDRO

(*Confundido*) Não é nada, não é nada!... A coisa é outra!...

PEDRO

Mas é o filho do patrão. Os erros, que fizer, são por conta dele.

GONÇALO

Até agora todas as dificuldades foram resolvidas por mim, apesar de não ter esse tal curso industrial da Bélgica!...

PEDRO

Bem sei. Eu sou o primeiro a gabar-te a aplicação. Tens razão para te orgulhares. Enquanto os teus companheiros passavam as noites na taberna, tu ias para o Instituto estudar e aprender essas coisas dos livros. Mas, ainda assim, não te deves esquecer do teu papel. Lembra-te de que não passas de um simples operário!

GONÇALO

(*Vivamente*) Mas, aqui dentro, todos me respeitam e, mais do que isso, — obedecem! E' só eu dizer uma palavra!

PEDRO

Mas qual é o resultado?

GONÇALO

Quanto mais não seja, serve para impôr condições!...

PEDRO

Para quê? Deixa lá! Manda quem póde...

GONÇALO

E obedece quem deve? (*Transição*) O que eu lhe é que isto tem de levar uma volta!

PEDRO

Se não tenho estudos, como tu, sobeja-me

JOÃO

(*Atalhando com energia*) Não falarás, porque eu não quero!

PEDRO

(*Com arrogância*) Com que direito?

JOÃO

(*Com arrogância*) A minha vontade!

PEDRO

(*Em tom especial*) E' pouco!...

JOÃO

(*Vivamente*) O meu dinheiro! (*Transição*) Dize quanto queres. Pagarei. Prefiro isso... Sou prático, como vês!

PEDRO

Não aceito! Desejo ficar em paz com a minha consciência...

JOÃO

(*Rindo irónico*) A tua consciência! A tua consciência é uma ardósia para escrever números...

PEDRO

Não é caso para rir, compadre... Nós somos de igual jaez. Os seus juizos não me molestam... Aqui, ha só um pai que, neste mundo, não vê senão os olhos de sua filha querida!...

JOÃO

(*Vivamente*) Por isso mesmo; quanto mais lhe engrossares o dote... (*Transição*) Se não fóres exigente, tudo se arranjará...

PEDRO

(*Com energia*) Acabemos com isto!...

JOÃO

(*Com energia*) Que tom é êsse? E' uma ameaça?

PEDRO

(*Moderando-se um pouco*) Não estou em condições de ameaçar... Se estivesse...

JOÃO

(*Vivamente*) Vá lá, já agora!...

PEDRO

Queria eu dizer que, se pudesse, tudo faria por amor de Adriana. Sim, porque essa é minha filha!...

JOÃO

Vejamos se nos podemos entender. Eu tenho um filho, um único filho por quem daria a vida. E' preciso que isto fique arrumado entre nós e de uma vez para sempre. Eu protejo a tua Adriana para que me deixes em paz com o meu Fernando.

PEDRO

(*Com firmeza*) Os nossos contractos acabaram no dia em que nasceu a minha Adriana.

JOÃO

Mas estâmos ligados por um segredo!

PEDRO

(*Como acima*) Eu!... estive; mas, agora, vou deixar de estar. Jurei á morta que diria tudo...

JOÃO

(*Atalhando com energia*) Não falarás, porque eu não quero!

PEDRO

(*Com arrogância*) Com que direito?

JOÃO

(*Com arrogância*) A minha vontade!

PEDRO

(*Em tom especial*) E' pouco!...

JOÃO

(*Vivamente*) O meu dinheiro! (*Transição*) Dize quanto queres. Pagarei. Prefiro isso... Sou prático, como vês!

PEDRO

Não aceito! Desejo ficar em paz com a minha consciência...

JOÃO

(*Rindo irónico*) A tua consciência! A tua consciência é uma ardósia para escrever números...

PEDRO

Não é caso para rir, compadre... Nós somos de igual jaez. Os seus juízos não me molestam... Aqui, ha só um pai que, neste mundo, não vê senão os olhos de sua filha querida!...

JOÃO

(*Vivamente*) Por isso mesmo; quanto mais lhe engrossares o dote... (*Transição*) Se não fores exigente, tudo se arranjará...

PEDRO

(Com energia) Acabemos com isto!...

JOÃO

(Com energia) Que tom é esse? E' uma ameaça?

PEDRO

(Moderando-se um pouco) Não estou em condi-
de ameaçar... Se estivesse...

JOÃO

(Vivamente) Vá lá, já agora!...

PEDRO

Queria eu dizer que, se pudesse, tudo faria
de Adriana. Sim, porque essa é minha filha!

JOÃO

Vejamos se nos podemos entender. Eu
um único filho por quem daria a vida. E'
fique arrumado entre nós e de uma vez
protejo a tua Adriana para que me dei-
meu Fernando.

PEDRO

(Com firmeza) Os nossos contra
em que nasceu a minha Adriana.

JOÃO

Mas estamos ligados por um

PEDRO

(Como acima) Eu!... e
de estar. Jurei á morta que

FERNANDO

(A Berta e a Jesuina) Agora, vou tambem mostrar-
lhes os meus trabalhos.

SCENA X

As mesmas, ADRIANA e GONÇALO; menos JOÃO

GONÇALO

*(Entra pela D., com Adriana, traz uma blusa nova e
uma gravata à Lavallière e indica o grupo)* Estão acolá!

ADRIANA

*(Trazendo uns brincos de brilhantes nas orelhas, di-
rige-se a Berta)* Recebi o teu recado. Aqui me tens. *(Beija
Berta e Jesuina)*

BERTA

(Mirando os brincos de Adriana) Bravo! Que lindos!
Onde descobriste esta preciosidade?

ADRIANA

(A Berta) Sairam-me numa rifa!

BERTA

(Mirando) Que graça!

GONÇALO

(A Berta) Minha senhora! *(Cumprimenta muito ceri-
monioso)*

BERTA

(Voltando-se para Gonçalo e com muita afabilidade)
Como passou, sr. Gonçalo Batalha? *(Estende a mão a Gon-
çalo)* Desculpe-me, não tinha reparado. *(Fernando toca*

PEDRO

(*Baixo, a João*) Ficâmos entendidos.

JOÃO

(*Baixo, a Pedro*) Agora, espero que, pelo teu próprio interesse, te acomodes um pouco mais comigo!...

PEDRO

(*Alto*) Não precisa de mim? (*Faz tenção de sair*)

JOÃO

(*A Pedro*) Espera, espera...

FERNANDO

(*A Berta e a Jesuina*) E então a côr? Tambem nisto é necessário introduzir aperfeiçoamentos. Para se obter uma côr delicada e caprichosa, requiere-se, mais do que a prática, alguma coisa em que entre a alma de um artista!

JOÃO

(*A Pedro, como quem abandona uma ideia*) Como tenho muito que fazer no escritório, não quero que ninguem venha interromper-me. Não há nenhuma novidade?

PEDRO

(*A João*) Um dos motores tem estado, toda a manhã, a empatar... O Gonçalo já andou de volta com êle; mas aquilo, sem um concerto grande, é perigoso.

JOÃO

Nêsse caso, é parar com êle já e que ninguem lhe toque. Eu vou ver se falo com o mecânico pelo telefone. Mas, se fôr precisa alguma coisa, vem chamar-me (*Indo ao grupo*) Deem uma volta pelas oficinas. (*Sai pela E.*)

FERNANDO

(A Berta e a Jesuína) Agora, vou também mostrar-lhes os meus trabalhos.

SCENA X

As mesmas, ADRIANA e GONÇALO; menos JOÃO

GONÇALO

(Entra pela D., com Adriana, traz uma blusa nova e uma gravata à Lavallière e indica o grupo) Estão acolá!

ADRIANA

(Trazendo uns brincos de brilhantes nas orelhas, dirige-se a Berta) Recebi o teu recado. Aqui me tens. (Beija Berta e Jesuína)

BERTA

(Mirando os brincos de Adriana) Bravo! Que lindos! Onde descobriste esta preciosidade?

ADRIANA

(A Berta) Sairam-me numa rifa!

BERTA

(Mirando) Que graça!

GONÇALO

(A Berta) Minha senhora! (Cumprimenta muito ceremonioso)

BERTA

(Voltando-se para Gonçalo e com muita afabilidade) Como passou, sr. Gonçalo Batalha? (Estende a mão a Gonçalo) Desculpe-me, não tinha reparado. (Fernando toca

PEDRO

(*Baixô, a João*) Ficámos entendidos.

JOÃO

(*Baixô, a Pedro*) Agora, espero que, pelo teu próprio interesse, te acomodes um pouco mais comigo!...

PEDRO

(*Alto*) Não precisa de mim? (*Faz tenção de sair*)

JOÃO

(*A Pedro*) Espera, espera!...

FERNANDO

(*A Berta e a Jesuína*) E' então a côr? Tambem é necessário introduzir aperfeiçoamentos. Para se uma côr delicada e caprichosa, requiere-se, mais a prática, alguma coisa em que entre a alma de artista!

JOÃO

(*A Pedro, como quem abandona uma ideia*) Não quero muito que fazer no escritório, não quero que venha interromper-me. Não ha nenhuma novidade...

PEDRO

(*A João*) Um dos motores tem estado, a empatar... O Gonçalo já andou de volta aquilo, sem um concerto grande, é perigo...

JOÃO

Nesse caso, é parar com êle já e o que... que. Eu vou ver se falo com o meu... Mas, se fôr precisa alguma coisa, vem ao grupo) Deem uma volta pelas

TOMÁZIA

Dize-lhe que eu sou a única pessoa que sei do caso. A gente dêsse tempo foi toda fechando o olho. Um ou outro que não morreu, puzeram-no vocês a andar...

PEDRO

Não te lembras de ninguem que estivesse, cá na fábrica, nessa ocasião?

TOMÁZIA

Não, mas isso não importa. Fica a meu cuidado. Manda-me o homem...

PEDRO

(*Indicando a E.*) Anda por aqui. Escuzam de te vêr. (*Sai com Tomázia pela E. Logo que êles desaparecem, ouve-se um grande estrondo no interior, como de uma explosão e, em seguida, gritos de socôrro, grande confusão de vozes que traduzem terror e pânico*)

SCENA XIII

ADRIANA, JOÃO, depois GONÇALO e BERTA

ADRIANA

(*Entrando a correr da D., muito aflita*) Meu Deus! Meu Deus!

JOÃO

(*Entrando da E. e muito preocupado*) Que foi isto?

ADRIANA

(*Apavorada, espaçando as palavras*) Uma desgraça! Fernando quiz pôr um motor a trabalhar e cometeu uma imprudência...

JOÃO

(*Aflito*) Uma explosão? Meu filho está ferido? Dize?

PEDRO

Isso é muito!...

TOMÁZIA

Os tempos vão maus... Quem sabe lá o trabalho que eu vou ter!... Quanto devo pedir?

PEDRO

(*Pensando*) Eu te digo: como êle é rico...

TOMÁZIA

(*Atalhando*) Tem sangue de mais...

PEDRO

(*Explicando*) Tu vais regateando, regateando sem descobrir o jôgo, enquanto eu preparo o resto. Não é necessário dizer-te que êle é esperto e...

TOMÁZIA

(*Atalhando*) Não cai ás primeiras?... Bem sei... São exactamente dêsses que mais gosto!

PEDRO

Muito tento, hein! Eu vou calcular todos os lados do negócio, sim, porque isto, no fim de contas, é um negócio. (*Pensando*) Por agora...

TOMÁZIA

O mais urgente é... prepará-lo, não é assim? Mandame o homem!

PEDRO

Temos que arranjar um pretexto...

TOMÁZIA

Dize-lhe que eu sou a única pessoa que sei do caso. A gente dêsse tempo foi toda fechando o olho. Um ou outro que não morreu, puzeram-no vocês a andar...

PEDRO

Não te lembras de ninguem que estivesse, cá na fábrica, nessa ocasião?

TOMÁZIA

Não, mas isso não importa. Fica a meu cuidado. Manda-me o homem...

PEDRO

(Indicando a E.) Anda por aqui. Escuzam de te vêr. (Sai com Tomázia pela E. Logo que êles desaparecem, ouve-se um grande estrondo no interior, como de uma explosão e, em seguida, gritos de socórro, grande confusão de vozes que traduzem terror e pânico)

SCENA XIII

ADRIANA, JOÃO, depois GONÇALO e BERTA

ADRIANA

(Entrando a correr da D., muito aflita) Meu Deus! Meu Deus!

JOÃO

(Entrando da E. e muito preocupado) Que foi isto?

ADRIANA

(Apavorada, espaçando as palavras) Uma desgraça! Fernando quiz pôr um motor a trabalhar e cometeu uma imprudência...

JOÃO

(Aflito) Uma explosão? Meu filho está ferido? Dize?

PEDRO

Isso é muito!...

TOMÁZIA

Os tempos vão maus... Quem sabe lá o trabalho que eu vou ter!... Quanto devo pedir?

PEDRO

(Pensando) Eu te digo: como êle é rico...

TOMÁZIA

(Atalhando) Tem sangue de mais...

PEDRO

(Explicando) Tu vais regateando, regateando sem cobrir o jôgo, enquanto eu preparo o resto. Não é necessário dizer-te que êle é esperto e...

TOMÁZIA

(Atalhando) Não cai ás primeiras?... Bem se exactamente dêsses que mais gosto!

PEDRO

Muito tento, hein! Eu vou calcular todo o negócio, sim, porque isto, no fim de conta é o negócio. *(Pensando)* Por agora...

TOMÁZIA

O mais urgente é... prepará-lo, não me o homem!

PEDRO

Temos que arranjar um pretext

FERNANDO

Em todo o caso, se me permite, meu pai, direi que o problema não é dos mais intrincados...

JOÃO

Porquê?

FERNANDO

O cabeça do motim é o seu afilhado. Despeça-o sem as contemplações... E não só a êle, mas tambem ao Desaparecendo a causa por que os grévistas se me, devem cessar os efeitos...

JOÃO

Isso é bom de dizer, — mas para o pôr em prática!... O primeiro lugar a minha decisão irritava mais os operários sem resolver a grêve; em segundo lugar, se a resolução, por essa forma, não tinha pessoal habilitado para os cumprir!...

FERNANDO

Andava-se vir gente de fóra!...

JOÃO

repente? não é possível! Além de que o móbil de João não é, segundo presumo, um caso de aumento de salários...

FERNANDO

de outra coisa não fala êle aos operários!

JOÃO

o pude ainda averiguar o que seja; mas Gonçalo, com o seu obstinado, apaixonado, ha de por isso mesmo, tornar-se intransigente por um lance de paixão. Tudo está em inven-

lhes dá de comer. (*Transição*) E' para que vejas, meu filho, a energia que é necessário ter para lidar com semelhante corja. Nada de desfalecimentos nem de transigências. Quem mostra fraqueza, pode ser esmagado.

FERNANDO

Atacaram-nos a propriedade, agora são capazes de atentar contra as nossas vidas!

JOÃO

Disso não tenhas tanto receio. Os rebanhos acobardam-se sempre que pressentem um inimigo de força. Não ha exemplo de um lobo ser devorado por ovelhas.

FERNANDO

E porque não fecha definitivamente as oficinas?

JOÃO

Liquidar!? E' impossivel no estado em que se encontram os negócios. Ainda não tivéste tempo de analisar a escrita, mas, quando a vires, has de concluir que nem tudo são rosas cá na indústria.

FERNANDO

E esses malditos a clamar que são explorados!...

JOÃO

E' o efeito da palavra retumbante dos agitadores de comício! Palavras, que exercem uma influência mágica no espirito das multidões. Palavras sonóras, nada mais. Quando, porém, se desce ao mar dos interesses, a explosão desses vocábulos não tem valor, nem significado. E' muito difficil regular as questões entre capital e trabalho!...

FERNANDO

Em todo o caso, se me permite, meu pai, direi que o problema não é dos mais intrincados...

JOÃO

Porquê?

FERNANDO

O cabeça do motim é o seu afilhado. Despeça-o sem mais contempções... E não só a êle, mas também ao pai. Desaparecendo a causa por que os grévistas se mexem, devem cessar os efeitos...

JOÃO

Isso é bom de dizer, — mas para o pôr em prática!... Em primeiro lugar a minha decisão irritava mais os operários sem resolver a greve; em segundo lugar, se a resolvesse, por essa forma, não tinha pessoal habilitado para os substituir!...

FERNANDO

Mândava-se vir gente de fóra!...

JOÃO

De repente? não é possível! Além de que o móbil de Gonçalo não é, segundo presumo, um caso de aumento de salários...

FERNANDO

Mas de outra coisa não fala êle aos operários!

JOÃO

Não pude ainda averiguar o que seja; mas Gonçalo, com ser impetuoso, apaixonado, ha de por isso mesmo, tornar-se vulnerável por um lance de paixão. Tudo está em inventá-lo!

lhes dá de comer. (*Transição*) E' para que vejas, meu filho, a energia que é necessário ter para lidar com semelhante corja. Nada de desfalecimentos nem de transigências. Quem mostra fraqueza, pode ser esmagado.

FERNANDO

Atacam-nos a propriedade, agora são capazes de atentar contra as nossas vidas!

JOÃO

Disso não tenhas tanto receio. Os rebanhos acabaram-se sempre que pressentem um inimigo de força. Não ha exemplo de um lóbo ser devorado por ovelhas.

FERNANDO

E porque não fecha definitivamente as oficinas?

JOÃO

Liquidar!? E' impossivel no estado em que se encontram os negócios. Ainda não tivéste tempo de analisar a escrita, mas, quando a vires, has de concluir que nem tudo são rosas cá na indústria.

FERNANDO

E esses malditos a clamar que são explorados!...

JOÃO

E' o efeito da palavra retumbante dos agitados comício! Palavras, que exercem uma influência no espirito das multidões. Palavras sonóras, não. Quando, porém, se desce ao mar dos interesses, a posição desses vocábulos não tem valor, nem si. E' muito difficil regular as questões entre capital e trabalho!...

Acima de tudo está a minha conservação, a conservação deste corpo... (*Aponta a barriga*) Direitos e coisetal... que vocês citam, a cada passo, pareceram sempre uma história... Não ha ninguem que não se a pelo seu interesse. Cada um trata de si. Nunca vi a coisa; não existe outra luta.

GONÇALO

Com desdem) Para não dizer mais... isso é a lingua dos egoistas...

PEDRO

É dos que teem miolo! Mostra-me algum exaltado, es que andam sempre a apregoar a bondade e várias esas dos sermões,—que tenha forro o seu vintem? (*msição*) Deixa-te de cantatas: — o dinheiro é uma accumulada. Os patetas desperdiçam-na, barafustando ai para ali. E', porventura, tólo quem arrecada essa a e a aferrolha para a utilizar em ocasião favorável? farias tu, se a tivesses bem segura e fechada na tua?

GONÇALO

Eu?! Abria-a!

PEDRO

Não ganhavas nada com isso. Nem por essa razão lutavam aqueles que ajudasses com o teu dinheiro. Para distribuíres a todos era pouco, ao passo que, mandado pelas tuas mãos, se fosses esperto, poderia amon-se. (*Transição*) Creio que não te dou nenhuma novidade. E' a história de todas as riquezas.

GONÇALO

Mas é justo que assim seja?

PEDRO

Não me preguntes se é justo, porque só te posso responder que é pratico!

GONÇALO

(*Vivamente*) Mas não vê que isso é a miséria de tantas famílias? Que recursos tem essa pobre gente? Nenhuns. As casas de penhores para os que tiverem que empenhar!...

PEDRO

(*Sorrindo de um modo especial*) Alguns penhoristas devem ter campado com isso.

GONÇALO

Os penhoristas são como os cangalheiros, lucram com as grandes calamidades. (*Vivamente*) Não vamos mais longe: — a casa de penhores da nossa rua, essa não tem tido mãos a medir!...

PEDRO

(*Como acima*) Então, que queres tu! O dono faz o seu negócio!...

GONÇALO

Negócio infame, porque se vale do suor dos desgraçados, da aflição de cada um.

PEDRO

Não ha negócios infames nem bondosos; mas sim negócios bons ou maus. Para se ganhar dinheiro, — sábe-lo tu, muito bem, — é preciso enganar, iludir, ser esperto. Ora, os penhoristas não se metem em greves. As regalias não se conquistam sem sacrifícios! Não é este o tom em que tu costumás falar a essa gente?

GONÇALO

Vocemecê tão depressa parece favorecer a causa da classe, como distila veneno contra ela! Ninguém o entende...

PEDRO

Mas olha que é fácil... Eu não me governo com lé-

rias. Acima de tudo está a minha conservação, a conservação dêste corpo... (*Aponta a barriga*) Direitos e coisas e tal... que vocês citam, a cada passo, pareceram-me sempre uma história... Não ha ninguem que não se mexa pelo seu interêsse. Cada um trata de si. Nunca vi outra coisa; não existe outra luta.

GONCALO

(*Com desdem*) Para não dizer mais... isso é a linguagem dos egoistas...

PEDRO

E dos que teem miôlo! Mostra-me algum exaltado, dêsses que andam sempre a apregoar a bondade e várias lindesas dos sermões, — que tenha forro o seu vintem? (*Transição*) Deixa-te de cantatas: — o dinheiro é uma fôrça acumulada. Os patetas desperdiçam-na, barafustando daqui para ali. E', porventura, tôlo quem arrecada essa fôrça e a aferrolha para a utilizar em ocasião favorável? Que farias tu, se a tivesses bem segura e fechada na tua mão?

GONCALO

Eu?! Abria-a!

PEDRO

Não ganhavas nada com isso. Nem por essa razão lucravam aqueles que ajudasses com o teu dinheiro. Para o distribuïres a todos era pouco, ao passo que, manobrado pelas tuas mãos, se fôsses esperto, poderia amontoar-se. (*Transição*) Creio que não te dou nenhuma novidade. E' a história de todas as riquezas.

GONCALO

Mas é justo que assim seja?

PEDRO

Não me preguntes se é justo, porque só te posso responder que é prático!

GONÇALO

(*Vivamente*) Mas não vê que isso é a miséria de tantas famílias? Que recursos tem essa pobre gente? nenhuns. As casas de penhores para os que tiverem que empenhar!...

PEDRO

(*Sorrindo de um modo especial*) Alguns penhoristas devem ter campado com isso.

GONÇALO

Os penhoristas são como os cangalheiros, lucram com as grandes calamidades. (*Vivamente*) Não vamos mais longe: — a casa de penhores da nossa rua, essa não tem tido mãos a medir!...

PEDRO

(*Como acima*) Então, que queres tu! O dono faz o seu negócio!...

GONÇALO

Negócio infame, porque se vale do suor dos desgraçados, da aflicção de cada um.

PEDRO

Não ha negócios infames nem bondosos; mas sim negócios bons ou maus. Para se ganhar dinheiro, — se tu, muito bem, — é preciso enganar, iludir, ser enganado. Ora, os penhoristas não se metem em greves. As coisas não se conquistam sem sacrificios! Não é este o teu costume falar a essa gente?

GONÇALO

Vocemecê tão depressa parece favorecer a classe, como distila veneno contra ela! Não entende...

PEDRO

Mas olha que é fácil... Eu não me g

ADRIANA

(*Sorrindo*) Então, pensa que eu não sei? daquela casa lim da nossa rua. Mas, se, presentemente, o prejuizo, lembre-se, meu pai, que ambos podemos lucrar tarde...

PEDRO

como?

ADRIANA

(*Sorrindo*) Tratando-se do futuro da sua filha! (*Transição*) porque não hei de ir deitando a rede ao peixe que vem?! Compreendeu agora?

PEDRO

(*Sorrindo*) Muito bem!... Ah! tu és minha filha a vague é esperta!...

ADRIANA

sai aos seus não degenera! (*Transição*) Mas tenho despendido em tudo isto bastante dinheiro um lado, era preciso desfazer, com muita prudencia qualquer má impressão que Berta tivesse a respeito; por outro, tirar-lhe da ideia, com mil razões, a possibilidade do casamento dela...

PEDRO

é engenhoso, não ha dúvida!

ADRIANA

coisa difficil!...

PEDRO

empenho de ver como te saís dessa embrucação que se lhe diga...

ADRIANA

E o mais interessante é que diz respeito à greve!

PEDRO

(*Em ar de dúvida*) Hein! Negócios desses não se entendem com as mulheres. Parece-me...

ADRIANA

(*Atalhando*) Não lhe parece nada!... O meu pai ainda não ouviu, não pode, portanto, manifestar-se. E fique sciente que as mulheres sabem sempre levar a água ao seu moínho. Os homens, mesmo sem dar por isso, fazem tudo quanto elas querem... E' uma questão de geito, de habilidade...

PEDRO

Mas, emfim...

ADRIANA

Ora, eu puz-me a pensar que era necessário conseguir duas coisas: — uma, que Gonçalo demovesse os operários fazendo terminar a greve; outra, que Fernando me ficasse agradecido por esse facto...

PEDRO

(*Atalhando*) A segunda parte, em que bacorejo uma intriga de mulher, — está bem; acho-a até conveniente; mas, quanto á primeira, deixa-me dizer-te, filha, que...

ADRIANA

(*Atalhando*) Contraria-lhe, um pouco, os seus interesses, não é assim?

PEDRO

Quais interesses?

ADRIANA

(*Sorrindo*) Então, pensa que eu não sei? daquela casa ao fim da nossa rua. Mas, se, presentemente, o prejudica, lembre-se, meu pai, que ambos podemos lucrar mais tarde...

PEDRO

Como?

ADRIANA

(*Sorrindo*) Tratando-se do futuro da sua filha! (*Transição*) Porque não hei de ir deitando a rêde ao peixe que me convêm?! Compreendeu agora?

PEDRO

(*Sorrindo*) Muito bem!... Ah! tu és minha filha a valer, porque és esperta!...

ADRIANA

Quem sai aos seus não degenera! (*Transição*) Mas creia que tenho despendido em tudo isto bastante diplomacia. Por um lado, era preciso desfazer, com muita prudência, qualquer má impressão que Berta tivesse a respeito de Gonçalo; por outro, tirar-lhe da ideia, com mil argumentos e razões, a possibilidade do casamento dela com Fernando...

PEDRO

Mas isso é engenhoso, não ha dúvida!

ADRIANA

E alguma coisa difícil!...

PEDRO

Estou com empenho de ver como te saís dessa embrulhada, que tem que se lhe diga...

ADRIANA

E o mais interessante é que diz respeito à greve!

PEDRO

(*Em ar de dúvida*) Hein! Negócios dêsses não se entendem com as mulheres. Parece-me...

ADRIANA

(*Atalhando*) Não lhe parece nada!... O meu pai ainda não ouviu, não pode, portanto, manifestar-se. E ficou consciente que as mulheres sabem sempre levar a água ao seu moinho. Os homens, mesmo sem dar por isso, fazem tudo quanto elas querem... É uma questão de geito e habilidade...

PEDRO

Mas, enfim...

ADRIANA

Ora, eu puz-me a pensar que era necessário fazer duas coisas: uma, que Gonçalo demovesse o pai, fazendo terminar a greve; outra, que Fernando fosse agradecido por esse facto...

PEDRO

(*Atalhando*) A segunda parte, em que briga de mulher, — está bem; acho-a a melhor, mas, quanto à primeira, deixa-me dizer-

ADRIANA

(*Atalhando*) Contraria-lhe, um pouco, mas não é assim?

PEDRO

Quais interesses?

GONÇALO

deixo a dizer. São estas as condições. Eu não posso fazer mais. Assim o jurei. (*Indo a retirar-se*)

JOÃO

(*Indo a retirar-se com um gesto*) Ouve: — sempre te digo, tu és o culpado de tudo isto; foste tu que começaste a discussão contra o homem que fez de ti o... Não passemes, sem mim, que seria de ti? Não passemes. (*Exaltadíssimo*) Tu não és senão um homem ingrato! (*Indo a descair, é amparado por João e ouve-se rumor de vozes no interior*)

PEDRO

Deixa-me uma cadeira.

GONÇALO

Deixa-me alguém...

PEDRO

Deixa-me nada!...

GONÇALO

JOÃO

(*Depois de sentado, desperta*) Que é isto? Que nova desgraça? (*Corre à janela e vê a obra*) Anda cá ver a tua obra! Revê-te a obra, ao menos, a coragem de me dizeres se queres matar-me, se é esse o fim que te...?

GONÇALO

Eu não sou assassino!

larei por êles. (*Tira um papel do bolso e passa-o a João*) Eis aqui a tabela do aumento dos salários. Em baixo, e em separado, as diversas quantias como donativos e pensões aos feridos e familias dos mortos no desastre por causa do seu filho...

JOÃO

(*Depois de lançar os olhos ao papel*) Está bem. Vou estudar, uma por uma, as condições... E, agora, a teu respeito? O teu nome não figura aqui com qualquer beneficio! Nada queres? Confessa-o francamente!

GONÇALO

Quero, sim senhor!... (*Hesita*)

JOÃO

Então, embuchaste?

GONÇALO

Não embuchei... o que pretendo é que o seu filho não dirija as oficinas.

JOÃO

(*Exaltando-se*) Hein?! Que dizes tu? Eu ouvi bem o que disseste?

GONÇALO

Creio que fui bem explicito...

JOÃO

(*Mais exaltado*) Tu endoideceste! E' contra o Fernando que te revoltas? Contra o meu fi... lho!... (*Com voz sufocada*) Eles, os outros, pretendem arruinar-me e tu enxovalhar-me! Ah! não! Isso mais devagar! Não consinto, não consintirei. Querem a mal? Pois levemos tudo á má cara! Tudo! Tudo menos essa condescendência que seria mais do que um sintoma de fraqueza, — uma cobardia. (*Gritando*) Não quero saber de combinações, entendes? Fecho as oficinas de uma vez para sempre. Está tudo acabado! (*Bespira fundo*)

GONÇALO

Nada mais tenho a dizer. São estas as condições. Eu cumpro o meu dever. Assim o jurei. (*Indo a retirar-se*)

JOÃO

(*Detendo Gonçalo com um gesto*) Ouve: — sempre te quero dizer que tu és o culpado de tudo isto; foste tu que forjaste a maquinação contra o homem que fez de ti o... que tu és! Porque, sem mim, que seria de ti? Não passarias de um... (*Exaltadíssimo*) Tu não és senão um ingrato, um grande ingrato! (*Indo a descair, é amparado por Pedro. Começa a ouvir-se rumor de vozes no interior*)

PEDRO

(*A Gonçalo*) Dá-me uma cadeira.

GONÇALO

Eu vou chamar alguém...

PEDRO

Isto não há de ser nada!...

GONÇALO

Vai voltar a si...

JOÃO

(*Um momento depois de sentado, desperta*) Que é isto? (*O rumor aumenta*) Que nova desgraça? (*Corre à janela*) Que vejo? (*A Gonçalo*) Anda cá ver a tua obra! Revê-te no que fizeste!... Terás, ao menos, a coragem de me dizer, frente a frente, se queres matar-me, se é esse o fim com que aqui entraste?...

GONÇALO

(*Indignado*) Eu? Eu não sou assassino!

larei por eles. *(Tira um papel do bolso e passa-o a João)* Eis aqui a tabela do aumento dos salários. Em baixo, e em separado, as diversas quantias como donativos e pensões aos feridos e familias dos mortos no desastre por causa do seu filho...

JOÃO

(Depois de lançar os olhos ao papel) Está bem. Vou estudar, uma por uma, as condições... E, agora, a teu respeito? O teu nome não figura aqui com qualquer benefício! Nada queres? Confessa-o francamente!

GONÇALO

Quero, sim senhor!... *(Hesita)*

JOÃO

Então, embuchaste?

GONÇALO

Não embucheii... o que pretendo é que o seu filho não dirija as oficinas.

JOÃO

(Exaltando-se) Hein?! Que dizes tu? Eu ouvi bem o que disseste?

GONÇALO

Creio que fui bem explicito...

JOÃO

(Mais exaltado) Tu endoideceste! E' contra o filho que te revoltas? Contra o meu filho!... *(Com voz focada)* Eles, os outros, pretendem arruinar-me e valhar-me! Ah! não! Isso mais devagar! Não não consintirei. Querem a mal? Pois leve a mal! Tudo! Tudo menos essa condescendência que me dá a cara! Tudo mais do que um sintoma de fraqueza! *(Gritando)* Não quero saber de compromissos! Fecho as oficinas de uma vez para sempre! *(Respira fundo)*

BERTA

?

GONÇALO

teem um grande poder... mas...

BERTA

mas é, se elas teem esse poder, suavez, que faça terminar o tumulto, e se deem maiores conflitos, maior dar-lhe-ei o que me pedir, se ferecer!...

GONÇALO

faço por interresse...

BERTA

ende, então, Gonçalo?

GONÇALO

s companheiros não sofram

A

O

O

O

O

O

O

O

O

O

O

O

O

O

O

desgraçado, como eles; vender com desinterresse, energia, que outros métodos)

repare; os operários

estas palavras. Peço-lhe que evite uma scena de sangue. Quem sabe o que poderá acontecer? Não me queira mal por lhe pedir que defenda os meus parentes. Por Gonçalo faria eu outro tanto ou mais, se fôsse possível. Vá, então, lá abaixo, serene aquêles ânímos exaltados. Eles obedecem-lhe. Se não vai, atentarão contra a vida do meu tio, contra nós. Faça isso por êle, por nós, por Fernando...
(O ruído aumenta)

GONÇALO

(Com energia) Por Fernando, nunca!

BERTA

Por todos! (Suplica)

GONÇALO

Eu nada posso fazer!...

BERTA

Não diga isso.

GONÇALO

(Vivamente) Mas, ainda que pudesse, nada faria

BERTA

(Suplicante) Que espécie de homem é o senhor que não se comove com a desgraça de uma familia, com as lágrimas de uma mulher que lhe pede de joelhos? Que mais é preciso fazer? Diga-me como posso tocar o seu coração. (Chora convulsivamente) Aqui me tem aos seus pés, implorando. (Ajoelha)

GONÇALO

(Num movimento rápido, levanta Berta) Minha senhora! Minha senhora! Então... Se alguém aqui deve ajoelhar, sou eu! Não chore mais, não chore, que as suas lágrimas escaldam-me o coração...

BERTA

E, todavia, hesita?

GONÇALO

As suas lágrimas teem um grande poder... mas...
(*Hesita*)

BERTA

(*Atalhando*) Se assim é, se elas teem esse poder, suplico-lhe, mais uma vez, que faça terminar o tumulto, mas faça-o já, antes que se deem maiores conflitos, maiores desgraças. Em troca dar-lhe-ei o que me pedir, se alguma coisa lhe posso oferecer!...

GONÇALO

(*Com altivez*) Eu nada faço por interêsse...

BERTA

(*Admirando-se*) Que pretende, então, Gonçalo?

GONÇALO

Que os meus desgraçados companheiros não sofram tanta miséria.

BERTA

Mas eu não entendo!...

GONÇALO

(*Atalhando*) Eu não sou um desgraçado, como êles; por isso mesmo é que os posso defender com desinterêsse, pondo nessa defeza toda a minha energia, que outros méritos não tenho. (*Aumenta o ruído*)

BERTA

(*Aflita, a Gonçalo*) Mas oiça, repare; os operários

estas palavras. Peço-lhe que evite uma scena de sangue. Quem sabe o que poderá acontecer? Não me queira pedir por lhe pedir que defenda os meus parentes. Por Gonzalo faria eu outro tanto ou mais, se fôsse possível. Vá, então, lá abaixo, serene aquêles ânimos exaltados. Eles obedecerão-lhe. Se não vai, atentarão contra a vida do meu pai contra nós. Faça isso por êle, por nós, por Fernando. *(O ruido aumenta)*

GONÇALO

(Com energia) Por Fernando, nunca!

BERTA

Por todos! *(Suplica)*

GONÇALO

Eu nada posso fazer!...

BERTA

Não diga isso.

GONÇALO

(Vivamente) Mas, ainda que pudesse, não!

BERTA

(Suplicante) Que espécie de homem não se comove com a desgraça de uma mulher? Lágrimas de uma mulher que lhe pede mais é preciso fazer? Diga-me como é o seu coração. *(Chora convulsivamente)* Aquela mulher, implorando. *(Ajoelha)*

GONÇALO

(Num movimento rápido, levantando-se) Minha senhora! Então... ajoelhar, sou eu! Não chore mais. Lágrimas escaldam-me o coração.

SCENA II

As mesmas e JOÃO

JOÃO

(Entrando pela D. B.) E' a comissão nomeada pela Assembleia?

MARCOS

João) Sim, senhor. *(A Portela)* Fala tu agora.

PORTELA

Marcos) Quem deve falar é o mestre Pedro.

JOÃO

João) *(Com sacudido)* Fale um por todos, claramente e sem hesitações!

MARCOS

Marcos) Não acho melhor. *(Pausa)*

JOÃO

João) Então?

MARCOS

Marcos) *(Com firmeza)* Os nossos camaradas resolveram antes de tudo uma questão prévia: — a liberdade de Gonzalo, não podemos entrar em qualquer negociação sem isso.

JOÃO

João) Voltar ao trabalho?

PORTELA

Portela) Depois...

PORTELA

(*Vivamente*) Pode lá ser! Não tarda que esteja toda a gente com fome. O que isto precisava sei eu!... Se todos fossem do meu pensar...

MARCOS

Que acontecia? Não é com os teus sermões do costume que se enche a barriga.

PORTELA

Bem sei que á miseria se deve falar com pão. Em todo o caso, é preciso mais do que isso!...

MARCOS

Vamos nós mas é ao que nos trouxe aqui. Se começamos a discutir, nunca mais se acaba a parola.

PEDRO

Tambem me parece... — que eu não me quero meter nesta questão. E' melhor que vocês resolvam...

MARCOS

(*Vivamente*) Isso é que não senhor. Exactamente por vocemecê ser o contra-mestre é que nos dá maior força. De mais a mais a votação do seu nome, em substituição do Gonçalo, foi por unanimidade. Está muito bem assim.

PEDRO

Mas vocês bem veem... eu sou de opinião que a grêve deve durar o mais possível...

PORTELA

(*Atalhando*) Ai vem o patrão.

SCENA II

As mesmas e JOÃO

JOÃO

(*Entrando pela D. B.*) E' a comissão nomeada pela assembleia?

MARCOS

(*A João*) Sim, senhor. (*A Portela*) Fala tu agora.

PORTELA

(*A Marcos*) Quem deve falar é o mestre Pedro.

JOÃO

(*Em tom sacudido*) Fale um por todos, claramente e sem rodeios!

MARCOS

Também acho melhor. (*Pausa*)

JOÃO

(*A Marcos*) Então?

MARCOS

(*Com dificuldade*) Os nossos camaradas resolveram que se puzesse uma questão prévia: — a liberdade de Gonçalo. Antes disso, não podemos entrar em qualquer negociação.

JOÃO

Não querem voltar ao trabalho?

PORTELA

Isso fica para depois...

PORTELA

(*Vivamente*) Pode lá ser! Não tarda que esteja toda a gente com fome. O que isto precisava sei eu!... Se todos fossem do meu pensar...

MARCOS

Que acontecia? Não é com os teus sermões do costume que se enche a barriga.

PORTELA

Bem sei que á miséria se deve falar com pão. Em todo o caso, é preciso mais do que isso!...

MARCOS

Vamos nós mas é ao que nos trouxe aqui. Se começamos a discutir, nunca mais se acaba a palavra.

PEDRO

Tambem me parece... — que eu não me quero meter nesta questão. E' melhor que vocês resolvam...

MARCOS

(*Vivamente*) Isso é que não senhor. Exactamente vocemecê ser o contra-mestre é que nos dá maior De mais a mais a votação do seu nome, em substituição do Gonçalo, foi por unanimidade. Está muito bem.

PEDRO

Mas vocês bem veem... eu sou de opinião que a greve deve durar o mais possível...

PORTELA

(*Atalhando*) Ai vem o patrão.

BERTA

(*Para a prima*) Nada mais fácil. E' tempo de desfazer o que, de ontem para cá, podia ter ficado no ar. Gonçalo, quando foi preso a instâncias da justiça, não precisa de me dar uma explicação diante de mim.

FERNANDO

(*Para a prima e Bertas*) Peço perdão, mas eu nada tenho a dizer. Muito menos na presença de...

GONÇALO

Porque não acabou?... Não há que ter medo.

BERTA

(*Para a Gonçalo para se calar*) Por quem se cala, oiça...

FERNANDO

(*Para a Gonçalo*) Mas a prima esquece-se de que eu sou um homem entre mim e a pessoa preta. Não é um extraordinário esforço para me lembrar que eu sou...

GONÇALO

Como eu, com esta simples presença. Convém-lhe, portanto, prudência.

BERTA

Deus!

FERNANDO

Está aqui para me indispor.

SENA 7

ABEL, BERTA E GONÇALO

(*Entrando pelo E. B., enquanto Adriano faz um recado. (Sinalo em dentro pelo T. B.)*) Eu estou aqui para tudo quanto seja possível, mas...

Tão pouco foi! Se é certo lhe pude ter explicado, não chegou, contado, ao que desejava. — que era ser o patrão.

GONÇALO

Falemos de outra coisa, -- agora, que me sinto feliz ao seu lado. Esqueci tudo. (*Adriana, sorrindo, dá mostras de alegria e sai*)

BERTA

E eu também devo considerar-me orgulhosa e feliz, porque comecei a trabalhar para Gonçalo. Assim eu conseguisse, com toda a energia de que sou susceptível, atenuar o mal que lhe fizeram e a injustiça que praticaram... (*Estremece ao ver assomar Fernando na D. B.*)

SCENA VI

GONÇALO, BERTA e FERNANDO

FERNANDO

(*Encarando Gonçalo, dá logo mostras de despeito e contrariedade*) Ah! Venho interromper!...

BERTA

(*De um modo especial*) De modo nenhum. Não falávamos em segredo.

FERNANDO

(*Com intenção*) Parecia...

BERTA

(*Como acima*) Mas, como vê, enganou-se. Não podia chegar mais a propósito.

FERNANDO

(*Admirado*) Eu! Não compreendo...

BERTA

(*Como acima*) Nada mais fácil. E' tempo de desfazer uma dúvida que, de ontem para cá, podia ter ficado no espirito do sr. Gonçalo, quando foi preso a instâncias suas... O primo precisa de me dar uma explicação diante dèle...

FERNANDO

(*Mordendo os lábios*) Peço perdão, mas eu nada tenho que explicar e muito menos na presença de...

GONÇALO

(*Intencional*) Porque não acabou?... Não ha que ter cerimónias comigo!

BERTA

(*Fazendo um sinal a Gonçalo para se calar*) Por quem é... (*A Fernando*) Oíça, oíça...

FERNANDO

(*A Berta, atalhando*) Mas a prima esquece-se de que nada pode haver de comum entre mim e a pessoa presente? Estou fazendo um extraordinário esforço para me conter e para lhe não lembrar que eu sou...

GONÇALO

(*Atalhando*) Um homem como eu, com esta simples diferença: — mais fraco. Convém-lhe, portanto, prudência.

BERTA

(*A Gonçalo*) Pelo amor de Deus!

FERNANDO

(*A Gonçalo*) O senhor vem aqui para me indispor mais do que estou?...

GONÇALO

Falemos de outra coisa, — agora, que me sinto feliz ao seu lado. Esqueci tudo. (*Adriana, sorrindo, dá mostras de alegria e sai*)

BERTA

E eu também devo considerar-me orgulhosa e feliz, porque comecei a trabalhar para Gonçalo. Assim eu conseguisse, com toda a energia de que sou susceptível, atenuar o mal que lhe fizeram e a injustiça que praticaram... (*Estremece ao ver assomar Fernando na D. B.*)

SCENA VI

GONÇALO, BERTA e FERNANDO

FERNANDO

(*Encarando Gonçalo, dá logo mostras de despeito e contrariedade*) Ah! Venho interromper!...

BERTA

(*De um modo especial*) De modo nenhum. Não mos em segredo,

FERNANDO

(*Com intenção*) Parecia...

BERTA

(*Como acima*) Mas, como vê, enganou-se chegar mais a propósito.

FERNANDO

(*Admirado*) Eu! Não compreendo...

FERNANDO

(*Distraído*) Obrigado...

ADRIANA

(*mesmo jôgo*) Obrigado, não! desejo que esteja de vontade de ouvir, — porque de contrário...

FERNANDO

Eu a ver se me recordo; mas, por mais esforços...

ADRIANA

... não me dando atenção... como ha de perceber?

FERNANDO

(*Distraído*) Efectivamente, parece...

ADRIANA

(*te*) Repare, repare nesta frase como é linda! Esteja nervoso é salutar. Porque não faz dilige-

FERNANDO

(*te*) Sim, recordo-me de já ter ouvido, não sei

ADRIANA

(*te*) A mim!... mas noutra disposição de es- verdade? Muita gente diz que eu não inter- ta página do *Samsão e Dalila*. O próprio me tecei elogios...

FERNANDO

(*te*) Não ha dúvida. Adriana executa-a com...

GONÇALO

De hoje em diante trabalharei mais do que nunca.
(*Adriana senta-se ao piano*).

BERTA

(*Sorrindo*) Mas com a promessa de abandonar a vida agitada que...

GONÇALO

(*Atalhando*) Repugna-lhe, Berta, que eu seja a alma e a voz dêesses desgraçados?

BERTA

Não; mas queria que fôsse para mim só, que me pertencesse com todos os seus pensamentos. Perdoe-me este egoismo de mulher.

GONÇALO

Tudo, tudo farei, Berta. (*Fernando aparece na D. A. junto de Adriana*)

SCENA IX

As mesmas e FERNANDO

ADRIANA

(*Tocando, faz deter Fernando*) Não gosta deste trecho? E' tão interessante, não acha?...

FERNANDO

(*Distraido*) Não conheço... (*Faz menção de querer espreitar a sala da frente*)

ADRIANA

(*Coquette, a Fernando*) Mas oiça. Eu estou tocando para o Fernando...

FERNANDO

(*Distraído*) Obrigado...

ADRIANA

(*Mesmo jôgo*) Obrigado, não! desejo que esteja de vontade a ouvir, — porque de contrário...

FERNANDO

Estou a ver se me recordo; mas, por mais esforços que faça...

ADRIANA

Ora, não me dando atenção... como ha de perceber?

FERNANDO

(*Distraído*) Efectivamente, parece...

ADRIANA

(*Coquette*) Repare, repare nesta frase como é linda! Para quem esteja nervoso é salutar. Porque não faz diligência?...

FERNANDO

(*Distraído*) Sim, recordo-me de já ter ouvido, não sei onde...

ADRIANA

(*Vivamente*) A mim!... mas noutra disposição de espirito, não é verdade? Muita gente diz que eu não interpreto mal esta página do *Samsão e Dalila*. O próprio Fernando já me teceu elogios...

FERNANDO

(*Distraído*) Não ha dúvida. Adriana executa-a com...

GONÇALO

De hoje em diante trabalharei mais do que nunca.
(*Adriana senta-se ao piano*)

BERTA

(*Sorrindo*) Mas com a promessa de abandonar a vida agitada que...

GONÇALO

(*Atalhando*) Repugna-lhe, Berta, que eu seja a alma e a voz d'esses desgraçados?

BERTA

Não; mas queria que fôsse para mim só, que me pertencesse com todos os seus pensamentos. Perdoe-me este egoísmo de mulher.

GONÇALO

Tudo, tudo farei, Berta. (*Fernando aparece na D. junto de Adriana*)

SCENA IX

As mesmas e FERNANDO

ADRIANA

(*Tocando, faz deter Fernando*) Não gosta
cho? E' tão interessante, não acha?...

FERNANDO

(*Distraído*) Não conheço... (*Faz men-
espreitar a sala da frente*)

ADRIANA

(*Coquette, a Fernando*) Mas oiça. Eu
o Fernando...

JOÃO

(*Pausa*) Mais uma vez o Gonçalo tenta des-
meus planos. Contra a minha vontade, sou for-
nar uma grave resolução.

PEDRO

(*Abiltlesa*) Mas, agora, coitado... desconfio que
er tem os operários por ele!...

JOÃO

mesmo... como esse terreno lhe fugiu de-
procura outro não menos resvaladiço...
do a despedi-lo.

PEDRO

(*a*) Para isso... creio que não era neces-

JOÃO

s como ele vive na tua companhia, ao

PEDRO

compadre pensou... nos prejuizos que
tar e está disposto a...

JOÃO

, queria de algum modo, remediar,
está claro.

PEDRO

he tenho dito, não posso nem devo
proveito de Gonçalo.

JOÃO

so. E lembrei-me de o fazer sair

FERNANDO

(*Exaltado*) Que diz, meu pai? O patife atreveu-se! Mas isso só á bofetada!

JOÃO

(*Serenando Fernando*) Não te exaltes. Evita a mais pequena questão com o Gonçalo. Se te disse isto, foi unicamente para ver até que ponto presavas a tua prima...

FERNANDO

Desculpe, meu pai; mas aqui há uma questão de brios. Ele abusou da nossa casa...

JOÃO

(*Preocupado*) De acôrdo... mas nada de imprudências. Deixa-o comigo. Tu não podes nem deves medir-te com êle, — porque é mais forte. Compreendes que não estou a sugerir-te a cobardia. Cá tenho as minhas razões. Não has de ficar mal, convence-te.

FERNANDO

Mas posso, ao menos saber... (*Delêm-se ao ver Pedro no F.*)

JOÃO

(*Baixo, a Fernando*) Depois saberás tudo... Deixa-me a sós com Pedro. (*A Pedro*) Podes entrar. (*Fernando sai.*)

SCENA XII

JOÃO e PEDRO

PEDRO

A Adriana disse-me que o compadre me queria falar.

JOÃO

E' certo. (*Pausa*) Mais uma vez o Gonçalo tenta desfazer os meus planos. Contra a minha vontade, sou forçado a tomar uma grave resolução.

PEDRO

(*Com subtilesa*) Mas, agora, coitado... desconfio que já nem sequer tem os operários por êle!...

JOÃO

Por isso mesmo... como êsse terreno lhe fugiu de baixo dos pés, procura outro não menos resvaladiço... Sou constrangido a despedi-lo.

PEDRO

(*Como acima*) Para isso... creio que não era necessário ouvir-me...

JOÃO

Bem sei; mas como êle vive na tua companhia, ao lado de tua filha...

PEDRO

(*Mesmo jôgo*) O compadre pensou... nos prejuízos que isso poderia acarretar e está disposto a...

JOÃO

(*Atalhando*) Sim, queria de algum modo, remediar, dentro do possível, está claro.

PEDRO

Mas eu, como já lhe tenho dito, não posso nem devo prejudicar Adriana em proveito de Gonçalo.

JOÃO

Já tinha pensado nisso. E lembrei-me de o fazer sair

FERNANDO

(*Exaltado*) Que diz, meu pai? O patife atreveu-se! Mas isso só á bofetada!

JOÃO

(*Serenando Fernando*) Não te exaltes. Evita a mais pequena questão com o Gonçalo. Se te disse isto, foi unicamente para ver até que ponto presavas a tua prima...

FERNANDO

Desculpe, meu pai; mas aqui há uma questão de bríos. Ele abusou da nossa casa...

JOÃO

(*Preocupado*) De acôrdo... mas nada de imprudências. Deixa-o comigo. Tu não podes nem deves medir com êle, — porque é mais forte. Compreendes que não tou a sugerir-te a cobardia. Cá tenho as minhas razões. Não has de ficar mal, convence-te.

FERNANDO

Mas posso, ao menos saber... (*Delém-se ao v. do F.*)

JOÃO

(*Baixo, a Fernando*) Depois saberás tudo... me a sós com Pedro. (*A Pedro*) Podes entrar. (*F. sai.*)

SCENA XII

JOÃO e PEDRO

PEDRO

A Adriana disse-me que o compadre me q

disse. Desde já lhe peço que me desculpe; se tal fizer... (*Tenta segurar as mãos de Berta*)

BERTA

(*Com desespero*) Veja lá se quere completar a façanha em uma violência? Não faltava mais nada!

FERNANDO

(*Em tom suplicante*) Mas porque me fez perder a cabeça? A raiva toldou-me a razão. Reconheço que me pedi; mas, como é boa e generosa, vai ficar sem reserva, é verdade? (*Segura as mãos de Berta*)

BERTA

(*Desenvencilhando-se das mãos de Fernando*) Deixe-me! Será preciso chamar alguém?!...

SCENA XV

As mesmas e GONÇALO

GONÇALO

(*ouvindo as ultimas palavras*) Não é preciso, Berta.

FERNANDO

(*is de um momento de hesitação*) Mas que é isto

GONÇALO

(*serenidade e friesa*) Era o que eu devia terpreto. Se o senhor conhecesse bem o meu feio, e me chamaria agora um heroi! Fiz o maior bem me conter...

FERNANDO

(*tristissimo*) Não admito explicações. Estou na

FERNANDO

(*Vivamente*) Ora ai está uma confissão expontânea e sincera! Por essas palavras cheias de calor e de entusiasmo se percebe que gosta dêle. Revelou-se inteiramente. Agora, a minha suspeita converteu-se na mais absoluta certeza.

BERTA

(*Com altivez*) E, se assim fôsse, que tinha o primo com isso?

FERNANDO

(*Desorientado*) Tinha, tinha o direito de lhe lembrar, de lhe fazer sentir que está em casa do meu pai. Esta circunstância bastaria, creio eu, para não ser tão altiva e arrôgante...

BERTA

(*Amargurada*) Não era preciso tanto... (*Chora*)

FERNANDO

A prima obrigou-me a isto!...

BERTA

E' demais! E' demais!

FERNANDO

Mas por que não me desfaz a má impressão que me deixou no espirito?... Não faça caso do que eu lhe disse. Foi o desespero e o ciúme que me desvairaram.

BERTA

(*Como acima*) Basta! Basta!

FERNANDO

O melhor é fazer de conta que não ouviu o que eu

disse. Desde já lhe peço que me desculpe; se tal fizer...
(*Tenta segurar as mãos de Berta*)

BERTA

(*Com desespero*) Veja lá se quere completar a façanha com uma violência? Não faltava mais nada!

FERNANDO

(*Em tom suplicante*) Mas porque me fez perder a cabeça? A raiva toldou-me a razão. Reconheço que me excedi; mas, como é bôa e generosa, vai ficar sem reserva, não é verdade? (*Segura as mãos de Berta*)

BERTA

(*Desenvencilhando-se das mãos de Fernando*) Deixe-me! Deixe-me! Será preciso chamar alguém?!...

SCENA XV

As mesmas e GONÇALO

GONÇALO

(*Que ouviu as ultimas palavras*) Não é preciso, Berta.

FERNANDO

(*Depois de um momento de hesitação*) Mas que é isto aqui?

GONÇALO

(*Com serenidade e friesa*) Era o que eu devia terpre guntado!... Se o senhor conhecesse bem o meu feitio, palavra que me chamaria agora um heroi! Fiz o maior sacrificio em me conter...

FERNANDO

(*Exaltadíssimo*) Não admito explicações. Estou na

FERNANDO

(*Vivamente*) Ora ai está uma confissão expontânea e sincera! Por essas palavras cheias de calor e de entusiasmo se percebe que gosta d'êle. Revelou-se inteiramente. Agora, a minha suspeita converteu-se na mais absoluta certeza.

BERTA

(*Com altivez*) E, se assim fôsse, que tinha o primo com isso?

FERNANDO

(*Desorientado*) Tinha, tinha o direito de lhe lembrar, de lhe fazer sentir que está em casa do meu pai. Esta circunstância bastaria, creio eu, para não ser tão altiva e arrogante...

BERTA

(*Amargurada*) Não era preciso tanto... (*Chora*)

FERNANDO

A prima obrigou-me a isto!...

BERTA

E' demais! E' demais!

FERNANDO

Mas por que não me desfaz a má impressão que deixou no espirito?... Não faça caso do que eu lhe disse. Foi o desespero e o ciúme que me desvairaram.

BERTA

(*Como acima*) Basta! Basta!

FERNANDO

O melhor é fazer de conta que não ouviu o

ADITAMENTO

NOTA — Por conveniência dramática, depois de impressa a primeira e segunda edição, houve necessidade de fazer ressurgir duas scenas desta peça.

O autor previra a carência de interpretação do papel simbólico e trágico de Tomázia, à semelhança da velha do *Petil Eylof*, de Ibsen, e, por isso, eliminou-as, quando a obra entrou no prélo.

Voltam agora á moldura do quadro primitivo, como episódio pitoresco e sombrio, por haver para elas, felizmente, uma intérprete com rasgos de génio que se chama Adelina Abranches.

ACABOU DE IMPRIMIR-SE ESTA OBRA,
NA TIPOGRAFIA DO COMÉRCIO, RUA DA
OLIVEIRA, AO CARMO, 10, AOS 15 DE
◆ ◆ ◆ ◆ DEZEMBRO DE 1917 ◆ ◆ ◆ ◆

ADITAMENTO

NOTA — Por conveniência dramática, depois de impressa a primeira e segunda edição, houve necessidade de fazer ressurgir duas scenas desta peça.

O autor previra a carência de interpretação do papel simbólico e trágico de Tomázia, à semelhança da velha do *Petit Eylof*, de Ibsen, e, por isso, eliminou-as, quando a obra entrou no prélo.

Voltam agora á moldura do quadro primitivo, como episódio pitoresco e sombrio, por haver para elas, felizmente, uma intérprete com rasgos de génio que se chama Adelina Abranches.

názia) Ouve: Vieste procurar o Pedro, não é verdade?

TOMÁZIA
Baixo, a João) Em má hora foi...

JOÃO

Baixo, a Tomázia) Deixo-te ir embora com a condição de me declarares se o que pretendias dele diz ao respeito á greve. Entendes-me?

TOMÁZIA

patrão bem sabe que eu nunca fui tola. Quem as tuas que as desarme... Não tinha eu mais que fazer!

JOÃO

da sabes dos operários?

TOMÁZIA

o é lá com o filho do... Pedro...

JOÃO

erturbando-se) Fala baixo...

TOMÁZIA

! não é preciso que este... seu filho perceba... ficar entre nós... Para bom entendedor...

JOÃO

emos de tratar disso; mas, agora, não é ocasião.

TOMÁZIA

ndo o patrão quizer...

JOÃO

o) Podes ir à tua vida. Sai aqui pela porta do es-

deixação, como quem diz:— em vigília! Era pela Páscoa; isto já lá vai, Tomázia, ha uns bons vinte e um anos! Como o tempo vóa! Eu tinha acabado de perder o meu homem. Sim, eu tambem tive um companheiro...

FERNANDO

(*Impaciente*) Acabas de uma vez...

TOMÁZIA

(*Com intenção*) Ainda o snr. Fernando não era nascido... Mas, como ia dizendo:— dia de festa! Eu não tinha em casa com que pôr a panela ao lume. Tudo se fôra com a doença do meu Chico. Logo, de manhã recebi um recado de uma rapariga que fôra operária da fábrica. Linda moça! (*Com intenção, a João*) O patrão deve lembrar-se, com certeza!... A *Cotovia*!... Que bela casa, limpa e aceada que era um regalo, ve-la! muitas boas roupas brancas, como um enxoval de noiva rica; moveis de preço, fortes e bons, a valer. Pois nesse dia, é que ela se lembrou de ter um menino. Lá me avim com um rosado e forte pequerrucho. A parteira não teve mais trabalho do que eu... Minha amiga, essa rapariga! Livrou-me de muita aflicção. Murmurava-se, á boca pequena, que tudo aquilo andava á conta de um homem muito rico e que o Pedro tambem lhe arrastava a aza. Mas isso sim! Só se fosse pela ideia do que ela avezava... Como poderia um operário com tanto bem-estar... O patrão não se recorda da *Cotovia*?!... Coitada! Dois annos depois, morreu. De nada lhe serviu o dinheiro! Deus a tenha consigo.

FERNANDO

(*A Tomazia*) Mas que história é essa?

TOMÁZIA

(*Com intenção*) Um sonho que passou... ou antes uma recordação... Isto de a gente ser velha!...

JOÃO

(*Baixo, a Fernando*) Nada fazemos dela por este processo. Deixa-a comigo. (*Fernando afasta-se; baixo a*

Tomázia) Ouve: Vieste procurar o Pedro, não é verdade?

TOMÁZIA

(*Baixo, a João*) Em má hora foi...

JOÃO

(*Baixo, a Tomázia*) Deixo-te ir embora com a condição de me declarares se o que pretendias dele diz ou não respeito á greve. Entendes-me?

TOMÁZIA

O patrão bem sabe que eu nunca fui tola. Quem as armou que as desarme... Não tinha eu mais que fazer!

JOÃO

Nada sabes dos operários?

TOMÁZIA

Isso é lá com o filho do... Pedro...

JOÃO

(*Perturbando-se*) Fala baixo...

TOMÁZIA

Ah! não é preciso que este... seu filho perceba .. Pode ficar entre nós... Para bom entendedor...

JOÃO

Havemos de tratar disso; mas, agora, não é ocasião.

TOMÁZIA

Quando o patrão quizer...

JOÃO

(*Alto*) Podes ir à tua vida. Sai aqui pela porta do escritório.

deixação, como quem diz:— em vigília! Era pela Páscoa; isto já lá vai, Tomázia, ha uns bons vinte e um anos! Como o tempo vóa! Eu tinha acabado de perder o meu homem. Sim, eu tambem tive um companheiro...

FERNANDO

(*Impaciente*) Acabas de uma vez...

TOMÁZIA

(*Com intenção*) Ainda o snr. Fernando não era nascido... Mas, como ia dizendo:— dia de festa! Eu não tinha em casa com que pôr a panela ao lume. Tudo se fôra com a doença do meu Chico. Logo, de manhã recebi um recado de uma rapariga que fôra operária da fábrica. Linda moça! (*Com intenção, a João*) O patrão deve lembrar-se, com certeza!... A *Cotovia!*... Que bela casa, limpa e aceada que era um regalo, ve-la! muitas boas roupas brancas, como um enxoval de noiva rica: moveis de preço, fortes e bons, a valer. Pois nesse dia é que ella se lembrou de ter um menino. Lá me avir com um rosado e forte pequerrucho. A parteira não teve mais trabalho do que eu... Minha amiga, essa rapariga livrou-me de muita aflicção. Murmurava-se, á boca quena, que tudo aquilo andava á conta de um homem rico e que o Pedro tambem lhe arrastava a aza. Mas sim! Só se fosse pela ideia do que ella azejava... Com poderia um operário com tanto bem-estar... O p não se recorda da *Cotovia?*!... Coitada! Dois depois, morreu. De nada lhe serviu o dinheiro! De tenha consigo.

FERNANDO

(*A Tomázia*) Mas que história é essa?

TOMÁZIA

(*Com intenção*) Um sonho que passou... uma recordação... Isto de a gente ser velha!

JOÃO

(*Baixo, a Fernando*) Nada fazemos dela processo. Deixa-a comigo. (*Fernando afasta-se*)

(*Baixo, a Tomázia*) Vou de virar um homem de mais...
gas em que não serviu a que se...

(*Baixo, a Pedro*) Não se trata! Põe da-se...
E de Fernando...

Percebo... Quêrê-lo para...
cate á tua filha. Pessa lá por...

Mandote Adriana...
Não é preciso. Ella terá...

PEDRO

Mas, cautela! Nada de imprudências...

TOMÁZIA

Ora, adeus. Isso não é para nós!...

PEDRO

Agora, vai-te embora, porque precisâmos de tratar aqui de um assunto grave. (*Berta e Adriana vão a Tomázia e saiem pela E. B. Pela porta do C. entram Marcos e Portela.*)

(Segue a scena primeira, do 3.º acto conforme ao texto)

